



Fig. 1: Regina Silveira, *Paradoxo do Santo*, 1994. Imagem: Atílio Avancini.

## ARTIGO

# REGINA SILVEIRA: OUTROS ENIGMAS

*A artista é agente de transformação da arte e do que se conta sobre a arte brasileira.*

*Nas suas obras, os conceitos e os modos de ver tencionam limites. O ponto de fuga renascentista, por exemplo, operação tida como lógica, é o meio de obtenção do absurdo e, sobretudo, as distorções da perspectiva questionam os modelos dominantes de representação do espaço.*

## ALECSANDRA MATIAS DE OLIVEIRA ABCA/SÃO PAULO

Tags: regina silveira, paradoxo do santo, museu de arte contemporânea da usp, alecsandra matias de oliveira, outros enigmas.

“Não há heróis para um serviçal”.  
Hegel.

Na contramão de qualquer tentativa de categorização, a produção de Regina Silveira (Porto Alegre, 1939) é perturbadora. A leitura das suas obras é tarefa complexa. Qualquer tentativa de cognição tende ao fracasso, caso não considere as diversas camadas interpretativas, entre elas: a mente inquieta da artista; o emprego das técnicas (da xilogravura ao digital) e a modulação de discurso (histórico, contínuo, disruptivo e crítico).

Nas suas obras, os conceitos e os modos de ver tencionam limites. O ponto de fuga renascentista, por exemplo, operação tida como lógica, é o meio de obtenção do absurdo e, sobretudo, as distorções da perspectiva questionam os modelos dominantes de representação do espaço. Sob os pressupostos platônicos, em alguns trabalhos, as sombras indicam a impossibilidade de se transpor o real para o representado (MORAES, 1995, p.13). Cada obra faz-se enigma; uma conversa entre Regina Silveira, a história e a pesquisa da arte no

Brasil nas últimas quatro décadas.

Na verdade, a artista é agente de transformação da arte e do que se conta sobre a arte brasileira. Sua experiência está também ligada ao ensino da arte. Sua prática orienta como fazer e, acima de tudo, instiga à reflexão sobre o “fazer artístico”: entre 1969 e 1973, ela lecionou na Universidade de Porto Rico. Em 1980, obteve mestrado, com a exposição *Anamorfias*, no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP) e defendeu o doutorado com a série chamada *Simulacros*, em 1984 - esses dois trabalhos foram pioneiros. Eles abriram as portas às poéticas visuais na pós-graduação da Universidade de São Paulo. Além disso, nas décadas posteriores, ela foi docente da Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) e da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA USP), sendo responsável pela formação de muitos artistas, tais como, Rafael França (1959-1991), Mônica Nador (1955), Iran do Espírito Santo (1963) e tantos outros que passaram por seu campo de influência.

**DA EXPERIMENTAÇÃO AO RIGOR DO PROJETO, NÃO EXISTE FIDELIDADE A NENHUM INSTRUMENTO DE EXPRESSÃO – PARA ELA, O ARTISTA DEVE IR À PROCURA DOS CÓDIGOS, FERRAMENTAS E MATERIAIS NECESSÁRIOS A CADA TAREFA QUE SE PROPÕE...**

Rompendo a falsa dicotomia artista/professor, Regina Silveira entende a arte como *cosa mentale*, sendo assim, ela evidencia o aspecto conceitual da arte e dá justa importância aos aspectos operativos (CHIARELLI, 1995, p. 208). Da experimentação ao rigor do projeto, não existe fidelidade a nenhum instrumento de expressão – para ela, o artista deve ir à procura dos códigos, ferramentas e materiais necessários a cada tarefa que se propõe. Isso explica os mais diversos meios, tais como a pintura, a gravura, o desenho, a tapeçaria, a fotografia, o vídeo, a instalação e a imagem digital.

O diálogo entre a artista e a história da arte brasileira não se esgota nos modos de sua produção. Está também nos temas e questões que suscitam, entre eles, as relações entre arte, política, poder, memória, comunicação

e gênero – neste último o centro da questão não está na discussão sobre o feminino em seus trabalhos; está na ousadia dos grandes projetos voltados à arte em ambientes públicos (esfera, ainda hoje, predominantemente, masculina).

Recentemente, Regina Silveira tem intensificado a divulgação de suas pesquisas e trabalhos. Foi presença destacada na 34ª Bienal de São Paulo, com duas instalações: *Dilatáveis* (1981-2000) e *Paisagem* (2021). A pesquisa da série *Dilatáveis* deriva de seu doutorado *Simulacros*. Nela, apropria-se de fotografias retiradas de impressos de grande circulação e as reproduz usando a heliografia, assim, dá início ao emprego das projeções distorcidas – aspecto-registro de sua produção posterior. As figuras e sombras desproporcionais remetem-se à vida política e cultural dos anos de ditadura militar. Já *Paisagem* é um labirinto de vidros transparentes e cravejados por balas de revólver. As marcas de balas são falsas (vinil adesivado), mas revivem o discurso da insegurança pública no cotidiano dos grandes centros urbanos e lembram da

violência que sempre esteve presente nos processos de estruturação da sociedade brasileira.

**A RETROSPECTIVA OUTROS PARADOXOS NÃO É COMPLETA (MAS, É UMA DAS MAIS COMPLETAS) DE SUA TRAJETÓRIA. O ACERVO DO MAC USP TEM EXPRESSIVO NÚMERO DE OBRAS DA ARTISTA E, NOS ÚLTIMOS TEMPOS, RECEBEU MAIS DUAS DOAÇÕES DA ARTISTA...**

Como evento integrante da rede de expansão da Bienal, o MAC USP organizou mostra retrospectiva chamada *Outros paradoxos*. No mesmo período, Regina Silveira desenvolveu a série de tapetes *Tropicals*, executada sob medida para o lobby do hotel Rosewood no projeto Cidade Matarazzo, com imagens paródicas dos bichos brasileiros. E, simultaneamente, a artista inaugurou a *Fauna Mix*, exposição de cinco tapeçarias na Luciana Brito Galeria, *Touch*, instalação de grandes dimensões na recém-criada Galeria Hugo França, em Trancoso, e exposição individual da Galeria Bolsa de Arte, em São Paulo. Com grande capacidade de trabalho, organização e diversidade

de proposições, Regina Silveira tem movimentado o cenário atual da arte nos últimos dois anos. Haja vigor!

A retrospectiva *Outros paradoxos* não é completa (mas, é uma das mais completas) de sua trajetória. O acervo do MAC USP tem expressivo número de obras da artista e, nos últimos tempos, recebeu mais duas doações da artista que reforçaram sua presença como destaque da coleção – aqui cabe uma digressão: o MAC USP, em 2018, em parceria com o Paço das Artes, realizou a mostra *Paradoxo(s) da arte contemporânea*, na qual Regina Silveira é o cerne para a seleção de obras de artistas contemporâneos que, de certo modo, tratam de questões fomentadas pelo seu repertório. No centro dessa mostra, o *Paradoxo do santo* (1994) é a obra referencial – essa experiência mais uma vez mostra de modo concreto o campo de influência da artista/professora.

O abrigo do MAC USP às propostas e às exposições de Regina Silveira, merece reflexão aprofundada porque se “expor em um museu é também expor o museu” (BUREN *apud*, TAYLOR, 1995, p. 65) a



Fig. 2: Regina Silveira, obra impressa nas janelas do MAC. Imagem: Atílio Avancini.

trajetória desta artista conta sobre as escolhas institucionais do Museu, sobre suas políticas patrimoniais e artísticas ao longo desses anos –

expor seu percurso estético é também o discurso da contribuição do MAC USP para a formação da arte contemporânea nacional.

Retornando a *Outros paradoxos*, o título refere-se à instalação *Paradoxo do santo* (1994). E, por que novamente essa obra? O motivo para sua eleição talvez esteja na sua potência. Nela, a artista traz o imaginário latino-americano a partir da religião e do militarismo. A sombra do *Monumento a Duque de Caxias* (1960), escultura equestre de Victor Brecheret (1894-1955), feita em homenagem ao patrono do exército brasileiro que comandou as tropas na Guerra do Paraguai, é projetada a partir da pequena imagem de madeira de São Tiago, patrono militar da Espanha que inspirou as batalhas contra os mouros. As distorções de perspectivas enfatizam o paradoxo visual e conceitual entre um general sombrio com a espada e um ingênuo santo de madeira. Silveira atua aqui como o serviçal que despe o herói; interroga o santo. Convém dizer aqui que o *Monumento às Bandeiras* também é tomado como apropriação pela artista em *Monudentro* (1987 e 2001). A exemplo, então, a ideia de paradoxo está pressuposta em produções anteriores e posteriores. Assim, *Paradoxo do santo* poderia ser

levada à posição de obra-síntese? Os que tendem a responder que sim levam em conta que muitas obras seguem os aspectos formais e materiais desta instalação. Já os que pendem para o não entendem que outros trabalhos resultam de um processo criativo que guarda coerência, mas envolve conceitos e motivações diversas e, por isso, são criações inovadoras e, às vezes, sem relações com paradoxos.

Então, de fato, qualquer tentativa de categorização da obra de Regina Silveira torna-se frágil. Algo perceptível quando se percorre os painéis e vitrines que abrigam proposições expressionistas, construtivas e conceituais. As mais distintas referências (objetos banais, multidões contidas em containers, escadas, símbolos geométricos, heróis, santos, pegadas de animais etc.), além dos sons de algumas instalações que nos remetem a tiroteios, aos barulhos do dia e da noite ou ainda a rangidos mecânicos. A exposição ainda apresenta esboços dos projetos, estudos de algumas obras, maquetes, vitrines com documentos e vídeos informativos.

Por fim, pairam os enigmas. Somem-se os meios, aos materiais e aos temas, a cada obra o espectador se depara com referências nem sempre aparentes. Suas proposições causam proposital estranhamento. Aos moldes de De Chirico (*apud*, SILVEIRA, 2010, p. 56) “(...) as criações parecem-me ainda mais misteriosas que os criadores”.

## REFERÊNCIAS

CHIARELLI, Tadeu. Artista e orientadora. In: MORAES, Angélica de. *Regina Silveira. Cartografias da sombra*. São Paulo: EDUSP, 1995, p. 203-218.

MORAES, Angélica de. Sob a pele das aparências. In: MORAES, Angélica de. *Regina Silveira. Cartografias da sombra*. São Paulo: EDUSP, 1995, p. 13-32.

SILVEIRA, Regina. *Linha de sombra*. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 2010.

TAYLOR, Brandon. *The art of today*. London: The Everyman Art Library, 1995.